

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

**Entrevistados: Cesário Luiz de Souza, José Luiz Teodoro, Adelina Luiz de Souza,
Maria Patrocínio Sales**

**Comunidade Córrego da Misericórdia, município de Chapada do Norte, Vale do
Jequitinhonha, Minas Gerais**

Abril, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Família unida na congada, viola e cantoria – Entrevista de Cesário Luiz de Souza, José Luiz Teodoro, Adelina Luiz de Souza, Maria Patrocínio Sales. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Família unida na congada, viola e cantoria

Irmãos de sangue e de fé, unidos pela congada e pela vida na roça, Cesário, José Luiz e Adelina contam com orgulho suas andanças, sempre acompanhados da viola e de muita cantoria. No grupo também está Maria Sales, congadeira apaixonada que não mede esforços para sua dedicação: “Gosto tanto da congada que posso estar caindo de cansada, mas, se falam na congada ou puxam uma viola, aquilo me levanta e me transformo numa menina de 15 anos de idade.” Os irmãos cresceram na congada puxada pelo pai, Herculano. Soltam o verbo para contar causos e estripulias, mas sempre cercados de muito trabalho. Pegando pé de milho para fazer boneco de cabelo vermelho, seu José conta da paixão pela viola. “Eu sou um cara que, quando via um homem numa viola, tocando, eu pequeno, aquilo ficava fervendo no meu coração”, poetisa. Pegava o instrumento escondido do pai e aprendeu a tocar sozinho, para surpresa de todos.

Gostaríamos que contassem um pouco da origem da comunidade de vocês, de quando ela foi fundada, de onde vêm as pessoas que fundaram a comunidade. Vocês sabem?

Cesário - Essa comunidade quem fundou foi o velho, meu pai. O Zé Luiz, que era meu avô, morreu com 40 anos e largou a filharada para ele criar, e meu pai criou. Daí, 30, 50 homens na roça, cortava o dia inteirinho e brincava à noite, e foi assim que fundou a comunidade.

Como era o nome dele?

Cesário - Herculano Luiz Teodoro.

O senhor sabe dizer mais ou menos em que época foi isso?

Cesário - Eu não sei, eu era muito pequeno ainda, e depois ele infartou.

Quantos anos o senhor tem?

Cesário - Setenta e sete.

E o senhor?

José Luiz - Oitenta e dois anos.

E a senhora?

Adelina - Setenta e quatro anos.

Maria - Cinquenta e sete anos.

O senhor é o mais velho, quais lembranças tem da comunidade?

José Luiz - Na época do meu pai, Herculano, e a gente pequeno em casa, lembro dos homens na lavoura. Se ele chamava dez homens, esses dez chamavam mais dez, e ficavam vinte homens. E minha mãe reclamava, dizendo: “não falei para chamar só dez”. Mas servia o café, dava uma pingazinha e saía essa fila de homens para a lavoura, e nós, pequenos...

As cozinheiras ficavam de longe, não ficavam perto não. Depois que todo mundo acabava de comer, juntavam os pratos e as vasilhas. Daí esses homens levantavam e diziam: “opa, vamos pagar essa pinga”. Eram oito homens, quatro daqui e quatro de lá, quatro tirava aqui e quatro respondia lá, a coisa era bonita. Ia passando o tempo, e quando via, já era meio-dia.

Tinha uma flor que chamava parreira, se encontrasse ela na lavoura, era alegria. Se eu achasse, ela podia usar o chapéu de couro. Logo as cozinheiras chegavam, e eu que estava ali, ia lá entregar a cozinheira. Mas pegava no serviço, batia na enxada assim. E brincava umas cantigas bonitas. Se nós íamos brincar, saía dois homens, ou três, afundava na capoeira, caçava aqueles pés de milho, fazia um boneco, de cabelo vermelho. Todo mundo dava um “dinheirozinho”, para enfeitar os pés de milho. E aí só na cantiga, até chegar na porta da fazenda.

Daí na fazenda, podia ser a cozinheira ou a menina moça... enfeitava uma bandeja, eu entregava esse pé de milho e recebia uma bandeja toda enfeitada, e repartia a bebida para todo mundo. Quando acabava de repartir, soltava a mão na viola, quatro homens brincando até o dia amanhecer. O dono da fazenda dava café, mas já ia para outra comunidade com esses homens, cantando e tudo. Nós cortávamos dia e noite, sem dormir.

Isso tudo que o senhor está contando, é na mesma região que o senhor vive até hoje?

José Luiz - É onde nasci. Começou com o meu pai. E eu tinha um irmão mais velho chamado João. E eu falei para ele: “o João, vamos comprar uma viola para tirar esses homens do pé do nosso pai, estão aproveitando demais dele”. E ele já sabia do pé dessa flor, parreira, e foi numa fazenda de madrugada, pegou tudo que é botão que tinha. Daí fizemos uma bandeira e depois um bogodó.

O que é o bogodó?

José Luiz - Enrolado num papel o nome das pessoas, vai chamando um por um. O dono do mastro levanta o mastro. Levantou o mastro hoje e amanhã tinha que descer acompanhando para a casa dele com a bandeira. Eles eram em quatro homens, trabalhavam com o meu pai e eu. Meu pai trabalhava numa fazenda, Secas Águas, na lavoura, cana, e eu pequeno tomava conta da lavoura. Esse negócio de oito, nove, dez mulas, tocava isso tudo aí, e nós moleques assim.

Isso que o senhor estava contando no começo é a maromba?

José Luiz - É a maromba. Depois nós criamos o congado. Eu sou um cara que quando via um homem pegando numa viola, tocando, eu pequeno, isso ficava fervendo meu coração. E pensava: “ah, se eu pudesse comprar uma viola”. Foi quando falei para o meu irmão, João, da gente comprar uma viola para tirar esses homens da costa de meu pai.

Aí nosso senhor comprou uma violinha velha. Primeiro ele não deixava eu tocar, ele afinava e afinava e eu olhando ele tocar. Mas quando ele saía para trabalhar, eu entrava no quarto e chacoalhava, chacoalhava, chacoalhava. Aí ele chegava: “quem pegou minha viola?”, mas minha mãe falava: “tá abestado, João, ninguém pegou a sua viola”.

Mas quando peguei da primeira vez, ele até admirou, porque achou que eu estava tocando pela primeira vez. Eu aprendi às minhas custas. Depois compramos uma de doze cordas, da mão de um velho. E depois eu comprei, paguei e toquei.

Vamos falar um pouquinho com vocês duas, sobre a lembrança de vocês, da comunidade, da cultura, do que vocês preservam. Quais são as memórias de vocês, do que os avós faziam e o que vocês continuam fazendo. A senhora é neta ou bisneta de escravos?

Adelina - Eu não conheci os escravos não.

Mas qual é a história de sua família?

Adelina - Eu não sei contar direito essa história de escravo.

O que a senhora lembra do que seus pais contavam?

Adelina - Não lembro muito, a ideia ficou muito fraca.

Mas em relação ao congado, o que a senhora lembra?

Adelina - É como o Zé estava falando aí, saiu do serviço de meu pai. E o povo era todo unido, saía de uma comunidade para a outra. Quando alguém levantava um mastro e chamava, lá íamos nós. E a gente ainda não usava roupa de congado não, era qualquer roupa. A gente saía de noite, de dia, ia buscar bandeira na casa dos outros para levantar. E nós repetíamos que a gente era o congado, até virou o “Congado de Vera”. Teve um padre aqui, chamado Paulo, que chamou a gente para cantar as cantigas velhas. Nós fomos para a igreja, cantamos, e aí passou a ser congado mesmo.

Então começou com a senhora e seus irmãos?

Adelina - É, e meus irmãos. Meus dois irmãos mais velhos já morreram também. Os cantadores já morreram tudo, as mulheres.

Tem poucos cantadores?

Adelina - Tem poucos, é só nós aqui. Somos em três irmãos.

Vocês três são irmãos?

Adelina e José Luiz - Somos.

Dona Maria, conta um pouquinho de suas lembranças.

Maria – Sim. Primeiro queria dizer que não sou nascida e criada dentro de Chapada, mas estou aqui desde 1972. A origem do meu pai já tinha a parte cultural. Criamos e trabalhamos na lavoura. A gente trabalhava com a moagem de cana, que era para fazer a rapadura. O meu pai era, e é, cantador de Nove e Caboclo, além de pedreiro e ferreiro. Ele hoje está com 83 anos.

Eu fui criada nesse trabalho com meu pai, participando do Nove e do Caboclo. Quando tinha uma festa de casamento, ele era convidado para fazer a festa cantando esses ritmos. Ele tinha a parceria dele, de homem, para o Caboclo, e as mulheres para cantar o Nove. Só que, quando ele começava a cantar o Caboclo nós tínhamos que estar sentadas observando os passos daquele que ia errar. Nós não poderíamos falar, mas tinha que observar para dar sinal para a pessoa, que estava errado. E a parte do Caboclo ele tinha a mocidade, os moços para ajudar ele no Nove.

Você pode explicar para gente o que é o Nove e o Caboclo?

Maria – Sim, o Caboclo, quando é o chefe, ele tem aquela música para cantar. Quando ele canta, os outros cá respondem, joga o verso e responde. Quando ele jogou o verso, vai seguindo aquela música. A mesma coisa é o Nove, quando começa a música do Nove, nós precisamos responder, e já vai dançando e trocando os pares. O Caboclo tem que estar os pares certinho, de um lado e de outro. Agora, quando ele canta lá e responde o verso, daí também trocam os pares.

Já o Nove, a gente pode ir em quatro pessoas, mas não pode errar. Então, ele canta lá e a gente vai respondendo e vai trocando os pares, de frente para trás, de frente para trás, e vem de lá até aqui, e daqui vai voltando, até finalizar aquele trabalho, aqueles minutos que tem que cantar. Se for para repetir o cântico, pode repetir. E foi nisso que eu fui criada.

No mais, parte de instrumento ele não deu possibilidade de pegar porque a viola dele vivia trancada na caixa. Só de noite, quando ele ia acender o fogo para fazer o carvão para trabalhar na tenda. Aí ele colocava nós para empurrar aquele pau que ia caindo, e ele ia tocando e nós pegando a música e cantando, mas não podia atrapalhar ele cantar. E depois nós continuamos, meu filho; meu irmão, de onze anos, que já aprendeu a tocar a sanfona também. Acompanhamos o meu irmão, e veio vindo de irmão para irmão.

O Nove e o Caboclo?

Maria - Não. Só as outras músicas, da igreja. Às vezes um baile, ou quando coloca uma mesa de leilão. O Nove e o Caboclo meu pai nunca aceitou acompanhar de sanfona.

Ele continua o Nove e o Caboclo?

Maria - Parou agora porque não aguenta mais.

E não passa para ninguém?

Maria - Se for possível ele pode passar. Mas ele é uma pessoa muito emocionada, porque ele tem saudade daquele trabalho, e também não tem os parceiros para estarem acompanhando. Depois, morando aqui, me casei e nunca desisti de estar participando da parte cultural. Depois veio participar aqui o Dr. Joaquim, que é uma pessoa que trabalha com teatro. Eu aceitei que meus filhos acompanhassem, eu não participava do teatro para dançar, mas eu participava acompanhando as crianças com o Dr. Joaquim.

E veio vindo, acompanhando eles aqui nos atos da congada, eu sempre adorei, o meu marido era emocionado com a congada. Eu acompanhava, mas não vestia a saia de chita, mas a outra saia comum, e eu acompanhando eles. Nessa eu estou até hoje, amo a congada, amo mesmo, de verdade, e sou da irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Eu tenho o nome de Rainha do Angu, porque trabalho nas festas. Sou tão emocionada, adoro tanto a congada, que eu posso estar caindo, mas se fala numa congada, ou quando a gente começa, eles puxam a viola, aquilo me levanta, eu me transformo numa menina de 15 anos.

A gente percebe que a congada vai continuar. A gente vê gente mais jovem que está no grupo. Vocês percebem a congada como algo que vai continuar, é a manifestação mais forte de vocês?

Maria - Lembrando das pessoas lutadoras da congada, sempre o que mais gostamos foi a presença deles. Só que algumas pessoas achavam que eles tinham de chegar e trabalhar, e não tinha que ter um valor. O valor que quero dizer é quantas vezes que havia pessoas que convidavam, mas eles tinham dificuldade de vir, deixar suas casas fechadas. Enquanto que tinham pessoas que não convidavam eles nem para dar um café.

Isso tudo aconteceu no tempo do meu marido vivo, em 1979, quando minha sogra foi a rainha da festa de Nossa Senhora do Rosário. Surgiu um festeiro junto que não quis acolher, achou que o gasto seria muito. Aí meu marido chegou e falou para mim: “Maria, tem bastante feijão cozido, prepara o almoço que eu vou buscar o pessoal da congada. Enquanto eles estiverem em Chapada eles vão comer e beber aqui”. Esse foi nosso maior prazer de atender, receber eles, e sei que ficaram felizes. Essa família aqui falou que é da Misericórdia, eu tenho como a minha família e quero tudo de bom para eles. Então, estamos vindo nessa luta, já viajamos muito.

Você sabe dizer quanto tempo tem o grupo?

Maria - Que esse grupo foi criado já tem mais de 50, 60 anos, porque ele já permaneceu crescendo dentro desse grupo.

A congada a gente percebe que deve continuar porque tem jovens no grupo. O Nove e o Caboclo, pelo que você contou, pode deixar de existir?

Maria - Se nós quisermos criar o Nove e o Caboclo, nós podemos criar aqui através deles, mas é preciso também ensaiar com as crianças.

E além da congada, do Nove e do Caboclo, tem alguma outra manifestação cultural, ou dança, ou música?

Maria - Tem outras danças.

Cesário - Quando levantava a bandeira, cantávamos a noite toda o Nove e o Caboclo. Hoje acabou foi o velho Caboclo. Ano passado, lá no mercado, foi direto só forró.

Maria - Tem a parte da dona Eva, pessoas lutadoras pelas viagens, para conseguir algumas coisas. Sempre que uma pessoa que vinha para alguma coisa eu já mandava um bilhete para dona Eva. Mas aí veio o falecimento dela, eu acompanhei muito a saúde dela. Até no dia de seu falecimento conversamos, minutos antes, por conta de um e-mail sobre instrumentos musicais que estávamos precisando. Comentei com ela que já havia respondido o e-mail, que precisava de resposta no dia anterior àquele nosso encontro, e ela me disse. “Já disse a você que tudo que você fizer para a congada está bem feito, você sabe o que faz”.

Aí ela afastou, eu olhei para ela, olhei para minha filha, e eu vi que ela, né... Depois de 15 minutos já foi o falecimento dela. Então, com isso, eu não desisti. Sou companheira deles enquanto Deus me der força e eu aguentar. Espero que todos continuem da mesma forma, e sei que vocês vão dar a gente muito apoio. Eu tenho hoje três netas que participam da congada, e tem uma de três anos que tem foto dela tocando a sanfoninha. Se estamos aqui hoje com vocês é porque nós somos felizes e adoramos esse trabalho. Eu tenho pedido para as famílias que têm as crianças, para que elas participem um pouco mais.